
Horta Escolar na E.E João Ramalho – um Estudo de Vínculos¹

Mariana Carvalho GUARNIERI²

José Eugenio de O. MENEZES³

Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, SP

RESUMO

O projeto Economia Solidária nas escolas municipais e estaduais de Diadema, município da Região Metropolitana de São Paulo, é responsável pela criação de hortas escolares cujas hortaliças são utilizadas nas refeições dos alunos. Este artigo apresenta um estudo de vínculos ao redor da horta escolar desenvolvida na E.E. João Ramalho pela Casa de Economia Solidária (Ipeps) e descreve, a partir de observação empírica e pesquisa bibliográfica, que o ambiente criado no cultivo dos vínculos entre crianças, trabalhadores, corpo docente e a terra promove muito mais que uma alimentação saudável.

PALAVRAS-CHAVE: Vínculos; Ecologia da Comunicação; Economia Solidária; Hortas Escolares; Diadema.

1. Introdução

A Incubadora Pública de Empreendimentos Populares e Solidários (Ipeps), localizada hoje na Casa de Economia Solidária, foi criada com o objetivo de garantir o acesso do cidadão ao trabalho e renda em Diadema, por meio da valorização da autogestão e do desenvolvimento sustentável. A Ipeps é fruto da Lei 301/2009, que institui a Política de Economia Popular e Solidária, a qual prevê parcerias da incubadora com outras secretarias, entre elas a Secretaria do Meio Ambiente e da Educação. Assim, em janeiro de 2013, o coordenador da Ipeps, Antônio Pires Soares (Tonico), estabeleceu parceria com a escola municipal Fabíola de Lima Goyano para a criação de uma horta escolar.

¹ Trabalho apresentado na IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, do Intercom Júnior – XV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante do Curso de Relações Públicas da Faculdade Cásper Líbero e pesquisadora de Iniciação Científica no CIP - Centro Interdisciplinar de Pesquisa da Faculdade Cásper Líbero. E-mail: mari.carvalho.guarnieri@gmail.com

³ Doutor pela Universidade de São Paulo e docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. Orientador da pesquisa de iniciação científica de Mariana Carvalho Guarnieri em desenvolvimento no contexto do Projeto *Cultura da Ouvir, Vínculos e Ambientes Comunicacionais* do Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura do Ouvir. E-mail: jeomenezes@casperlibero.edu.br

Desse modo, deu-se início a um extenso projeto de criação e manutenção de hortas escolares, o qual hoje conta com a participação de 26 escolas municipais e estaduais. A horta-escola oferece um ambiente comunicacional único para as crianças e adolescentes que, em razão da alta densidade demográfica de Diadema, não possuem fácil acesso à terra. É, portanto, na escola, que valores sustentáveis são postos em prática e os alunos são cativados e envolvidos pelo meio ambiente quando cultivam vínculos com a terra e com outras pessoas. Além disso, a horta produz materiais pedagógicos que os docentes utilizam para construir com os alunos as noções de ecologia sustentável.

Por meio das hortas escolares, é possível verificar o cultivo de valores democráticos no ambiente escolar. Na Escola Estadual João Ramalho, a horta estimulou a criação de uma urbe fictícia, na qual as turmas do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio criaram uma cooperativa e elegeram um prefeito e três vereadores. Todo o processo foi coordenado pela Casa de Economia Solidária com a participação de alunos e professores.

Em todo o projeto há a valorização da dinâmica corporal dos envolvidos, uma vez que a Casa de Economia Solidária utiliza majoritariamente a comunicação presencial para se relacionar. Nesse caso, entende-se como comunicação não a simples troca de informações entre emissor e receptor, mas algo mais complexo e abrangente, considerando especialmente que “comunicar-se é criar ambientes de vínculos” (BAITELLO JR., 2008, p. 100). Considerando que Harry Pross disse que “Toda comunicação começa no corpo e nele termina”, pode-se dizer que, a partir do envolvimento do corpo no cultivo da horta, a Casa de Economia Solidária facilita o estabelecimento de vínculos entre alunos, professores, escolas e comunidades. Nesse contexto, esta pesquisa se dedica a estudar os vínculos criados no ambiente da horta escolar por meio de observação empírica na Escola Estadual João Ramalho, em Diadema-SP.

2. Tema

Por essa perspectiva, esta pesquisa pode ser entendida como parte dos estudos de comunicação, mais especificamente do campo de pesquisa de “Ecologia da Comunicação”. Usa-se a noção de “ecologia da comunicação como uma metáfora sistêmica para se observar/investigar/compreender como, a partir do corpo, os processos de comunicação transbordam por diferentes capilaridades comunicacionais”

(MENEZES, 2016, p. 15). Logo, o termo serve de alusão a um ambiente comunicacional em que as capilaridades de comunicação se interlaçam e interagem. Segundo sua definição, capilaridade é a “condição ou característica do que tende a ascender, crescer ou percolar por determinado meio” (HOUAISS, 2014). Em “Ecologia da Comunicação”, as capilaridades são responsáveis por permear, se entrelaçar e formar ambientes comunicacionais: “cada tipo de capilaridade construirá um tipo de ambiente, como um tipo de irrigação cria uma lavoura ou uma vascularização cria um corpo” (BAITELLO JR., 2010, p. 105). Baitello Jr. ainda classifica quatro tipos de capilaridade: a presencial (corpo como base primordial); a alfabética (escrita); a elétrica (transmissão por sinais eletrônicos, como o rádio ou a televisão); e, por fim, a capilaridade eólica (uso dos aparatos eletrônicos em redes digitais sem fios que pretendem suprimir a tecla *off*).

O uso da noção de corpo aqui está relacionado à proposta do comunicólogo alemão Harry Pross. Esse autor compreende que o estudo dos processos de comunicação deve considerar que mesmo antes dos mais conhecidos meios de comunicação (impressos e eletrônicos) o que está em jogo é sempre o corpo dos homens e mulheres envolvidos na comunicação. Por isso o autor propõe que toda comunicação começa no corpo humano. Nesse sentido, os corpos humanos são considerados por ele em suas expressões gestuais, táteis, sonoras e outras, constituem o que denomina “meios primários” ou “comunicação primária”. Outros autores, como o comunicólogo espanhol Vicente Romano e o brasileiro Norval Baitello Junior, deram continuidade aos estudos de Harry Pross e aprofundaram a relevância de se partir do corpo para compreensão dos processos de comunicação primária (comunicação sem equipamentos), da comunicação secundária (quando um corpo precisa de um aparato, como um impresso, para se comunicar com outro) e da comunicação terciária (quando os corpos envolvidos precisam de aparatos eletrônicos). É por meio do ambiente gerado pela capilaridade presencial, mediante o corpo e sua magia de captura das pessoas envolvidas, que se criará a possibilidade de cultivar vínculos.

A opção pela abordagem dos processos de comunicação no contexto da horta-escola implica o uso da noção de vínculo estudada pelo etólogo Boris Cyrulnik. Nesse contexto, no qual ocorre o estabelecimento de vínculos, entende-se que esses mesmos vínculos são cultivados no sentido de metáfora do universo agrícola. Assim, esta

pesquisa se dedica a observar e compreender o envolvimento dos corpos atuantes e os vínculos cultivados pelas pessoas que participam dos processos de comunicação que ocorrem no contexto da horta escolar.

3. Sobre a pesquisa

Pesquisar a comunicação de uma organização em uma dimensão, além da instrumental, é uma ótima oportunidade para estudar as relações sociais e políticas de uma perspectiva subjetiva repleta de significados. A Ecologia da Comunicação permite esse olhar ajustado para observar a comunicação além da troca de informação, podendo, assim, enxergar um ambiente comunicacional abrangente e complexo, criador de vínculos. Logo, em um momento em que a efetividade da comunicação organizacional é amplamente discutida, é necessário retomar o olhar para os corpos presentes no ambiente e os vínculos por eles cultivados.

No contexto da comunicação, o estabelecimento de vínculos no lugar de conexões, de trocas simbólicas em lugar de contatos e o estabelecimento da imaginação aliada à recuperação do corpo, enquanto entidade autônoma parece ser o caminho para a contribuição da área aos problemas hoje vivenciados pela humanidade (SILVA, 2012, p. 146).

A Casa de Economia Solidária, em especial seu projeto de hortas escolares, possui força potencial de vinculação, uma vez que o trabalho produzido é transformador em um momento em que se podem notar crianças cada vez mais conectadas a telas, levando-as ao contato com o meio ambiente, e demonstra de forma prática valores complexos como cidadania, trabalho, democracia, ecologia e desenvolvimento sustentável. Não há, portanto, como traduzir a atmosfera vinculadora das hortas escolares em um “post” ou uma matéria jornalística. A experiência privilegia a presença concreta do corpo, o envolvimento presencial dos protagonistas.

Assim, a pesquisa não poderia seguir uma metodologia diferente, se não a perspectiva empírica presencial. Foram observados o ambiente escolar da E.E. João Ramalho e da Casa de Economia Solidária, bem como foram realizadas entrevistas abertas com a professora do Ensino Fundamental II, Ana Paula Patriarca, e com membros da Ipeps: Rosana Cristina Silva, Willian Martins e Antônio Pires Soares (coordenador).

4. Estudo de vínculos e discussão bibliográfica

Economia Solidária pode ser entendida como o “conjunto de práticas econômicas organizadas sob a forma de cooperativas e associações voltadas para a geração de trabalho e renda por meio da produção e comércio de bens e serviços, tendo como princípio administrativo a autogestão” (MARTINS WILLIAM, 2016, p. 9). Esse é o princípio dos projetos organizados pela Ipeps.

A horta escolar é uma forma de vivenciar os princípios da Economia Solidária na escola. Os alunos são convidados a pensar como cooperativas, todas as decisões são tomadas com a participação dos protagonistas. As hortaliças são consumidas na própria escola durante o almoço e, quando há excesso na colheita, alunos e funcionários podem levar para consumi-las em casa.

A autogestão não está presente somente na tomada de decisões e na delegação de tarefas, mas também na autogestão do aprendizado. O aprendizado na horta é diferente da sala de aula, o aluno torna-se ativo diante do conhecimento. Ao plantar, adubar a terra e colher, ele entra em contato com conceitos estudados, por exemplo, em biologia, química e matemática. A horta oferece a oportunidade de o aluno aprender na prática sobre o ciclo de vida das plantas, suas diferentes espécies, o ecossistema da horta e os animais presentes nele.

Na escola João Ramalho, por exemplo, a professora de matemática utilizou a horta como um meio de ensinar na prática os alunos do Ensino Fundamental II sobre multiplicação. Assim, conforme os alunos regavam as plantas, eles deveriam contar quantas vezes enchiam o regador e depois multiplicar o valor pelo número de litros do regador, para assim calcular a quantidade de água utilizada em cada canteiro.

A parceria entre a E.E. João Ramalho e o projeto Economia Solidária na Escola iniciou-se por meio de uma série de reuniões em abril de 2016, cujo objetivo era apresentar a filosofia da economia solidária, as atividades da horta escolar, assim como projetos de reciclagem e ações culturais. Durante as reuniões também houve a formação de professores para o projeto, em que foram exibidos vídeos sobre economia solidária, seguidos de rodas de conversas entre a Ipeps e os docentes. Naquela época, a escola contava com 1.850 alunos distribuídos entre os três períodos de aula. Já o corpo docente era formado por cerca de 80 professores, três coordenadoras pedagógicas, duas vice-diretoras e, na direção, a professora Edelaine Araújo, além, é claro, da equipe de apoio composta por agentes de cozinha, limpeza e secretaria.

A imersão feita com os alunos da escola para a iniciação do projeto foi realizada na Casa de Economia Solidária, a qual é sediada em um imóvel histórico pertencente à Prefeitura de Diadema. Durante uma semana, os alunos das 36 salas do Ensino Fundamental II e Ensino Médio foram até a Ipeps. A formação foi similar à realizada com os docentes: foi exibido um material audiovisual sobre o conceito de economia solidária, seguido por uma conversa entre os alunos e colaboradores da incubadora. Ao final de cada encontro, foi também proposto que os alunos formassem cooperativas para representar cada sala de aula, que funcionassem por meio da autogestão a fim de que todas as decisões fossem tomadas coletivamente. Para a escolha dos nomes das cooperativas foi realizada uma votação. As cooperativas distribuíram entre si as tarefas referentes à horta, como a plantação de hortaliças.

Segundo Willian Martins, colaborador da Ipeps, não houve um roteiro predeterminado para a operacionalização das atividades. Todo o processo foi desenvolvido com a participação dos alunos e professores. Assim, surgiu a iniciativa de criar uma urbe fictícia, a Cidade Escola João Ramalho de Economia Solidária.

Para tal, realizaram-se eleições nas salas de aula, sob orientação da Ipeps, para a escolha da direção de cada cooperativa. Com voto por meio do levantamento de mão dos alunos, foram eleitos presidentes, vice-presidentes e secretários. Então, o trio eleito coordenou a sala para a escolha de candidatos a vereador, prefeito e vice-prefeito da Cidade.

Assim, cada cooperativa formou sua chapa com três candidatos a vereadores, um candidato a vice e outro a prefeito da cidade. As chapas foram apresentadas à escola acompanhadas de suas propostas de governo, que incluíam medidas como a ampliação da horta-escolar e a realização de uma campanha para a arrecadação de sementes. Os demais alunos tinham o direito de fazer questionamentos aos candidatos, vivenciando assim um espírito democrático na escola.

A votação mobilizou todos os alunos e contou com a estrutura-padrão de uma eleição: mesários devidamente identificados e aplicativo simulador de urna eletrônica. O voto foi impresso e divulgado para toda a escola. A chapa eleita tomou posse na Câmara Municipal de Diadema no dia 17 de abril de 2017, com mandato previsto para dois anos. Dentre as propostas para o funcionamento da cidade estava a distribuição de tarefas da horta entre as cooperativas e a criação de uma rádio estudantil com supervisão da coordenação pedagógica e equipe da Casa de Economia Solidária. A Cidade Escola João

Ramalho de Economia Solidária também contou com a redação de uma legislatura que previa os direitos e deveres dos cidadãos-alunos.

Hoje, após uma troca de diretoria da E.E. João Ramalho, o dinheiro destinado à compra dos equipamentos de rádio foi revertido para reformar o anfiteatro da escola. As hortas, por sua vez, são mantidas pelos alunos do 6.º e 7.º anos como parte das disciplinas de Ciências e Matemática, integrando o planejamento pedagógico. São feitas uma plantação e uma colheita por semestre de hortaliças como alface, rúcula e couve, todas destinadas à composição da merenda escolar. A horta é utilizada como material didático para as disciplinas. Em Ciência, por exemplo, é introduzido o funcionamento da fotossíntese e a composição anatômica de minhocas por meio dos exemplos práticos encontrados na horta. As crianças são responsáveis por plantar, regar, afogar a terra e depois, colher e entregar nas mãos dos agentes da cozinha da escola. As hortaliças são limpas e servidas durante o almoço das crianças, que demonstram orgulho e felicidade quando identificam os frutos da horta em seus pratos. Por meio desta experiência, os alunos aprendem sobre sustentabilidade e a importância de se consumir produtos sem a ação de agrotóxicos. Além disso, a alimentação saudável é estimulada, pois o aluno quer consumir no almoço aquilo que ele cultivou durante todo o semestre e acaba experimentando novas verduras que antes não gostava.

Todo o processo do projeto foi relatado no livro *Economia Solidária na Escola*, escrito pelo professor e colaborador da Ipeps Willian Martins. No livro, e posteriormente na entrevista aberta feita para este artigo, o professor ressalta a importância do corpo presente como principal forma de comunicação. Entretanto, isso demonstra muito mais do que uma simples escolha estratégica e instrumental de comunicação. A evidência do corpo como protagonista em todo o projeto abre possibilidade para uma série de processos comunicacionais complexos, em especial as vinculações. A capilaridade que permeia o ambiente criado é, portanto, a capilaridade presencial. Essa comunicação primária reflete nossas vivências primordiais como seres e revela nossos vínculos por meio do corpo, e por isso seremos facilmente capturados pela magia da presença (BAITELLO JR., 2010).

Desse modo, no projeto os corpos dos protagonistas foram ativos desde o princípio, toda a comunicação foi feita presencialmente o que abriu espaço para o estabelecimento de diferentes vínculos em todo o projeto. As reuniões entre os colaboradores da Ipeps e os docentes da escola João Ramalho procuravam estabelecer um primeiro elo e introduzir

os valores que permeariam o projeto: solidariedade, sustentabilidade, coletividade e democracia. Seguido do contato de formação entre os alunos e a Incubadora, na própria Casa Solidária, houve o esforço de troca de espaço para cativar os alunos, a necessidade de tirar do ambiente sala de aula para introduzir uma nova forma de aprendizado baseada na prática e no trabalho coletivo. Segue-se assim durante todo o projeto; as decisões são tomadas em conjunto e os problemas e soluções surgem da mesma maneira.

Tudo isso reforça a ideia da práxis da Economia Solidária, contexto no qual valores complexos de cidadania, trabalho, democracia, ecologia e desenvolvimento sustentável são cultivados por meio de ações. A construção da horta, seu plantio, manutenção e colheita promovem esses valores de forma ativa. A cidadania é exercida como prática de direitos e deveres dos alunos ao lidar com a horta e se comunicar como cooperativas. O trabalho é desenvolvido como aprendizado na produção e consumo das hortaliças, bem como na descoberta do quanto vale aquele produto. A democracia foi vivenciada durante todo o processo de eleição, elaboração de propostas de governo e a formação de autogestão dos alunos. Por seu turno, a ecologia e o desenvolvimento sustentável andam lado a lado na proposta do projeto. A horta é inteiramente orgânica e consumida, sem desperdícios, pelos próprios alunos da E.E. João Ramalho. Eles aprendem, por meio desse material pedagógico tridimensional, como funciona o ecossistema do meio ambiente e a importância de preservá-lo sem adulterar seus próprios mecanismos de defesa.

Logo, a capilaridade comunicacional do corpo dos protagonistas traduz um alto grau de permeabilidade e envolve todo o projeto de Economia Solidária na Escola. No entanto, o corpo presente não se comporta apenas como ator do projeto, ele não é apenas rígido, é também poroso.

Tal contexto lembra o estudo dos fenômenos de vinculação entre os corpos tais como aqueles realizados pelo etólogo Boris Cyrulnik a respeito do estado de estabilidade e porosidade presentes entre eles:

O indivíduo é um objeto ao mesmo tempo indivisível e poroso, suficientemente estável para ser o mesmo quando o biótipo varia e suficientemente poroso para se deixar penetrar a ponto de se tornar ele mesmo um bocado de meio ambiente. De todos os organismos, o ser humano é, provavelmente, o mais dotado para a comunicação porosa (física, sensorial e verbal), que estrutura o vazio entre dois parceiros e constitui a *biologia do ligante* (CYRULNIK, 1999, p. 92).

Assim, os corpos presentes na horta-escolar, e em todo o seu processo de implementação, eram penetrados pelo ambiente e o formavam, transformando-o em ambiente comunicacional pulsante como o conjunto dos seres vivos. A professora Ana Paula do Ensino Fundamental II, hoje uma das professoras responsáveis pela horta João Ramalho, testemunha o encantamento das crianças com a terra. Nos dias de manutenção da horta, as crianças se exaltam, se envolvem, se dedicam e, depois, reconhecem os frutos de seu trabalho no momento de consumi-los na merenda. Nos dias dedicados à horta, o ambiente escolar se transforma; as secretárias da escola mencionam que, além do chão sujo de terra, todas as crianças aguardam ansiosamente por aquele momento e passam pela portaria rumo ao jardim de forma eufórica. Seus gestos expressam felicidade e, depois, com extrema atenção e cuidado ao lidarem com as preciosas mudas. Nesse momento, seus sentidos estão voltados à terra e seus corpos são envoltos pela mágica do cultivar.

Conseqüentemente, o corpo não se reduz a uma perspectiva instrumental, ou seja, não é apenas meio da comunicação. Baitello Jr. dirá que o corpo é o catalisador inicial de um ambiente comunicacional. “Sua simples presença gera a disposição de interação, desencadeia processos de vinculação com o meio, com os outros seres do entorno e com seus iguais” (BAITELLO JR., 2008, p. 99).

O corpo gera em torno de si um ambiente que não se configura apenas como um cenário. Ele é muito mais complexo, “um ambiente comunicacional constitui uma atmosfera saturada de possibilidades de vínculos de sentido e vínculos afetivos de distintos graus” (BAITELLO JR., 2018, p. 77). Essa atmosfera é criada pela disponibilidade de se estabelecerem vínculos.

Essa disponibilidade é fruto da necessidade humana, como ser incompleto, de se vincular para sobreviver. O ser humano é cheio de carências e fragilidades e delas surge a busca por se entrelaçar com outros corpos, visando o pertencimento e a permanência. É desta necessidade que projetos como Economia Solidária na Escola surgem, instalando-se a busca por elos entre a comunidade para suprir suas carências individuais e coletivas. A vinculação entre as crianças parte da sua procura por envolvimento. A alta densidade demográfica de Diadema contribui para que muitas crianças vivam em sobrados sem espaço para quintal ou área verde. É na horta-escolar, portanto, que ela vai se vincular novamente com a terra. As plantas necessitam dos devidos cuidados e

atenção para sobreviverem e a criança necessita resgatar seu envolvimento com o meio ambiente. “Podemos dizer que o alimento dos vínculos pode ser genericamente denominado de ‘afeto’, mas poeticamente deve ser chamado de ‘amor’” (BAITELLO JR., 2008, p. 102).

O vínculo captura os corpos e estabelece um elo entre eles; ele surge da noção de coletividade e do encantamento nele envolvido. Fazer o coletivo é um dos princípios do projeto Economia Solidária na Escola, em que o trabalho é proposto como potencialmente colaborativo. As crianças deixam de ser agentes passivos em relação aos professores e passam a contribuir e ser protagonistas de seu próprio aprendizado. Os professores também não estão sozinhos, eles se apoiam nos colaboradores da Ipeps para a construção de materiais fundamentados em Economia Solidária e para receber as mudas e trabalhos mais complexos de manutenção das hortas. Neste contexto pode-se observar o ambiente vinculador por meio da noção de entrelaçamento, discutido por Baitello Jr:

E, para os entrelaçamentos somente corpos podem ser pontos de germinação dos ambientes. Corpos narrativizam tais entrelaçamentos que geram ambientes, e os ambientes são os pressupostos para a continuidade, para a sustentabilidade, para a sobrevivência do corpo nos outros corpos e nos corpos-outros, na materialidade dos meios que facilitam a nodação entre corpos (BAITELLO JR., 2008, p. 100).

O ambiente da horta construída na E.E. João Ramalho não se limita ao espaço marcado pela rotina escolar. A horta fica localizada em um espaço separado do cenário comum da escola por um muro e guardada por um portão trancado. A horta é aberta somente no dia em que as professoras do 6.º e 7.º anos levam seus alunos para cuidar da horta e/ou utilizarem-na como material didático. Esses momentos são frequentes no planejamento pedagógico, porém não são restritos a sala de aula. O aluno, portanto, não convive espontaneamente com a horta todos os dias, mesmo que seja seu desejo.

Nesses momentos, há a postura de verticalidade, gerado pelo respeito dos alunos para com as professoras. Eles aguardam as instruções e observam atentamente enquanto elas utilizam as hortaliças e animais da horta como exemplos para as aulas. Em seguida, há o estabelecimento do vínculo com a terra, quando os alunos se dedicam a cuidar dela e entram em contato com as mudas, a água, o adubo. Há o estabelecimento de um vínculo quase que primordial entre o ser humano e o ser vegetal. Nesse ambiente, é germinado o vínculo de proximidade, os alunos colaboram entre si. Segundo relatos da

professora Ana Paula, eles dividem as tarefas e compartilham a experiência de cuidar da plantação. As cooperativas formadas e o momento de eleição também são exemplos de vínculos de proximidade entre os alunos, que se respeitam mutuamente e dependem um do outro para que aquela experiência seja positiva e a horta prospere.

O ambiente aberto é gerado em momentos em que há o encontro com os colaboradores da Ipeps. As sementes são germinadas na Casa de Economia Solidária, e as mudas são levadas para a escola. Eles acompanham o processo de plantio e fazem trabalhos de manutenção mais especializados. Eles retornam no dia da colheita para vivenciar com os alunos o momento de recolher o fruto do trabalho e preparam a terra para um tempo de descanso até o novo plantio. Esse processo é repetido a cada semestre. Durante esses momentos, há a abertura física do ambiente ao redor do cultivo da horta.

A Ipeps é formada por agentes da comunidade e trabalhadores do Programa de Solidariedade da cidade de Diadema. O ambiente comunicacional da horta passa a interagir com outros ambientes. A própria Casa de Economia Solidária configura-se no espaço de forma diferente da Escola Estadual. Seu portão está sempre aberto e qualquer indivíduo possui livre trânsito na sede da Ipeps. Até mesmo para a entrevista utilizada nesta pesquisa a entrada foi completamente livre e a entrevista bem recebida. Por sua vez, a escola tem seus portões trancados e pontos de controle para adentrar no espaço escolar.

Em uma atmosfera de integração, esses momentos geram vínculos de proximidade entre professores e colaboradores da Incubadora que juntos envolvem os alunos no cuidado com a horta. Há um respeito e carinho especial perceptível na forma como cada um se refere ao outro nas entrevistas, acompanhados de sorrisos e um sentimento de amizade e colaboração. O vínculo de proximidade entre alunos permanece também no ambiente aberto. Dentre as trocas simbólicas feitas no trabalho colaborativo do projeto, há a construção de vínculos por valores. A cidadania, o trabalho, a solidariedade e o desenvolvimento sustentável são princípios comuns aos participantes do projeto. O vínculo então é mantido pela busca de experienciar e cultivar tais valores.

O projeto Economia Solidária na Escola formou em 2018 uma parceria, por intermédio da Secretaria de Educação, com o Projeto Rondon. Dessa forma, alunos de universidades, como a UMESP – Universidade Metodista, passaram a auxiliar no projeto das hortas escolares. Conseqüentemente, a Universidade Metodista – Campus

Vergueiro inscreveu o projeto no Prêmio ODS – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. A premiação é realizada pelo Pacto Global Rede Brasil, órgão filiado à Organização das Nações Unidas (ONU), que possui como objetivo engajar a sociedade no cumprimento dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). O prêmio é um mecanismo para incentivar iniciativas que contribuam para os ODS e colocá-las como exemplos para a sociedade.

O projeto, com o título de Hortas Comunitárias, foi classificado em primeiro lugar e o troféu foi recebido presencialmente pelo corpo docente da Universidade Metodista em maio de 2019. Em junho do mesmo ano, coordenadores do projeto na Umesp levaram o troféu até a Casa de Economia Solidária para que o reconhecimento fosse dado à Ipeps por meio de fotografias de Antônio Pino Soares com o prêmio em mãos. Constituiu-se assim um novo projeto em parceria entre a Umesp e a Ipeps, materializado na construção da primeira horta universitária a ser realizada ainda em junho de 2019. Por fim, com a conquista do prêmio, o vínculo do pertencimento é fortalecido. Criado na atmosfera da horta e levado para ambientes externos, esse vínculo configura o orgulho e a satisfação entre os desenvolvedores do projeto por ter suas ações reconhecidas por um órgão compartilhador daqueles valores gerados, a ONU.

5. Considerações

No projeto Economia Solidária na Escola, em especial na E.E. João Ramalho pode-se compreender concretamente a noção de Ecologia da Comunicação: o transbordamento da comunicação a partir do corpo por meio da capilaridade. Com protagonismo da capilaridade presencial, pode-se experienciar a magia de captura dos corpos envoltos na horta e, por conseguinte, no projeto. Esse entrelaçamento se configura em diversos vínculos cultivados entre os protagonistas envolvidos no projeto.

Isso não significa que o ambiente está em seu máximo potencial, uma vez que se configura em uma atmosfera de possibilidades vinculadoras. Mais corpos podem ser incluídos e a horta pode ser utilizada e vivenciada de forma ainda mais ampla pela escola e comunidade. A própria instalação de uma rádio, prevista no início do projeto, é uma capilaridade eletrônica ainda a ser explorada que pode permear de maneira integrada o ambiente comunicacional da horta-escola.

Para finalizar, voltamos à citação presente na justificativa desta pesquisa, para que se elucide a importância da compreensão do estudo da comunicação por meio do corpo e para o corpo:

No contexto da comunicação, o estabelecimento de vínculos no lugar de conexões, de trocas simbólicas em lugar de contatos e o estabelecimento da imaginação aliada à recuperação do corpo, enquanto entidade autônoma parece ser o caminho para a contribuição da área aos problemas hoje vivenciados pela humanidade (SILVA, 2012, p. 146).

Os valores vivenciados e a troca de símbolos no projeto configuram-se na formação prática do que se deve realizar de forma integral com a sociedade para a construção de melhores ambientes.

REFERÊNCIAS

BAITELLO JR., N. Corpo e imagem: comunicação, ambientes, vínculos. In: RODRIGUES, David (Org.). **Os valores e as atividades corporais**. São Paulo: Summus, 2008. p. 95-112.

BAITELLO JR., N. As capilaridades da comunicação. **A serpente, a maçã e o holograma: esboços para uma teoria da mídia**. São Paulo: Paulus, 2010. p. 103-113.

BAITELLO JR., N. **A carta, o abismo e o beijo**. São Paulo: Paulus, 2018.

CYRULNIK, Boris. **Do sexto sentido: o homem e o encantamento do mundo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Versão monousuário 2009.8. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. CD_ROM.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Métodos de pesquisa em comunicação: projetos, ideias, práticas**. Petrópolis: Vozes, 2018.

MARTINS, William. **Economia Solidária na Escola**. São Paulo: Edição do Autor, 2016.

MENEZES, J. E. O. **Cultura do ouvir e ecologia da comunicação**. São Paulo: UNI, 2016. Disponível em: <<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/07/CULTURADO-OUVIR.pdf>> Acesso em: 10 jun. 2019.

SILVA, Maurício Ribeiro da. **Na órbita do imaginário**. Comunicação, imagem e os espaços da vida. São José do Rio Preto: Bluemoon; São Paulo: Unip, 2012.